

VOZES DAS QUEBRADAS LUDOVICENSE:

Uma experiência de solidariedade afro-periférica

VOICES OF THE BROKEN:

An experience of afro-peripheral solidarity

VOCES DE LAS QUEBRADAS LUDOVICENSE:

Um experimento de solidariedade afro-periférica

Mardson Alves Macedo Sousa da Silva

Graduado e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (PPGCS). Professor da Rede Estadual de Educação do Maranhão – mardsonsoc@yahoo.com.br

Karini da Silva Pinto

Graduada em Geografia Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal do Maranhão e Especialista em Docência e Gestão da Educação pela FACEI. Professora da Rede Estadual de Educação do Maranhão – karinispinto@yahoo.com.br

Recebido em: 26/02/2021

Aceito para publicação: 26/03/2021

Resumo

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido com estudantes do ensino médio, com vistas a compreender as desigualdades socioespaciais vivenciadas por esses alunos, os quais são de uma escola pública da cidade de São Luís - MA. Pretendemos, com o ensino da Sociologia e da Geografia, propor novas possibilidades no ensino-aprendizagem em sala de aula, visando transformar a escola num espaço permanente de criação artística através do rap, além de buscar uma articulação com comunidades próximas a escola, a fim de estimular a emergência e o fortalecimento de vínculos afro-periféricos. Estamos utilizando métodos qualitativos, via análise de textos produzidos por estudantes, observação da participação destes nas atividades do projeto, dentro e fora do espaço escolar, além de pretendemos, futuramente, realizar entrevistas. Continuaremos desenvolvendo pesquisas bibliográficas, através de dados primários e secundários acerca da realidade das periferias em São Luís-MA. Para tanto, usaremos o Google Forms, com o intuito de mapear a realidade socioeconômica dos pesquisados. Como resultado parcial temos algumas produções que já foram desenvolvidas, principalmente em forma de poesia.

Palavras-chave: Afro-periferia, ensino, desigualdades.

Abstract

This article consists in an experience report about a work developed with high school students, aiming to understand the socio-spatial inequalities experienced by these students, who are from a public school from São Luís city – Maranhão State. We intend to, with Geography and Sociology teaching, propose new possibilities in teaching-learning process in classroom, aiming to turn into the school as permanent space for the artistic creation by rap, besides looking for an articulation with the communities near school, in order to encourage the emergence and the fortification of Afro-peripheral bonds. We are using qualitative methods, by the analysis of the texts produced by students, observation of the participation of these students in the activities of the project, inside and outside the school environment, besides of, in the future, we intend to conduct interviews. We are going to keep developing bibliographic researches, through by primary and secondary data, about the reality of the periphery in São Luís City. For this, we are going to use Google Forms, aiming to map the socioeconomic reality of the interviewed people. As a partial result, we have some productions that have already been developed, specially in poetry form.

Keywords: Afro-peripheral, teaching, inequalities.

Resumen

Este artículo trata-se de un reporte de experimento sobre un trabajo que viene siendo desarrollado con estudiantes de la enseñanza média, visando comprender las desigualdades socioespaciales experimentadas por esos alumnos, los cuales son de una escuela pública de la ciudad de São Luís - MA. Pretendemos, con el ensino de la Sociología y Geografía, proponer nuevas posibilidades en el ensino-aprendizaje en clase, teniendo como meta convertir la escuela en espacio permanente de creación artística a través del rap, además de procurar una articulación con comunidades cercas de la escuela, con el propósito de estimular la emergencia y el fortalecimiento de nexos afro-periféricos. Estamos utilizando métodos cualitativos, vía análise de textos produzidos por estudiantes, observación de la participación de estos en las actividades del proyecto, dentro y fuera del espacio escolar, además de pretendemos, futuramente, ejecutar entrevistas. Continuaremos desarrollando buscas bibliográficas, a través de datos primarios y secundarios acerca de la realidad de las periferias en São Luís - MA. Usaremos el Google Forms, con el objetivo de cartografiar la realidade socioeconómica de los pesquisados. Como resultado parcial tenemos algunas producciones que ya fueron desarrolladas, principalmente en forma de poesia.

Palabras-clave: Afro-periferia, enseñanza, desigualdades.

Introdução

O tema abordado neste artigo surgiu em meio a um projeto que vem sendo desenvolvido com estudantes do ensino médio, em uma escola pública da cidade de São Luís - MA. A pesquisa atualmente tem se materializado em um projeto interdisciplinar envolvendo a Geografia e a Sociologia, onde se trabalha com as dimensões afro-periféricas. Desse modo, o artigo visa compreender as desigualdades socioespaciais nas periferias de São Luís, além de analisar as trajetórias percorridas pelos participantes da disciplina eletiva e perceber os processos de escrituras desses sujeitos afro-periféricos.

O Centro Educa Mais Almirante Tamandaré tem um público diversificado, composto por diversos bairros da grande São Luís. Há uma forte influência da música preta brasileira: funk, arrocha, rap. Em 2017, esta escola se tornou integral, nesta nova fase ocorreram algumas manifestações vinculadas ao rap: batalhas de rimas entre estudantes e eletiva de Hip-Hop. Com isso, o rap passou a existir de forma contínua no espaço escolar, em 2018 tivemos diversas articulações entre o rap e momentos de lazer através das batalhas de rimas, algumas delas com um grande público (40 pessoas). Além das batalhas, as quais ocorriam semanalmente passamos a pensar o rap como voz do sujeito periférico e como possibilidade de reflexão sobre diversos fenômenos sociais: racismo, depressão, automutilação, suicídio, luta dos trabalhadores, terceirização. Em diversos momentos, ao longo do ano, o rap se manifestou através dos jovens da escola como uma alta capacidade de reflexão, mobilização e possibilidades de intervenção social.

Criamos um projeto pelo fato de estarmos interessados em transformar a escola num espaço permanente de criação artística através do rap e da escrevivência, além de buscar uma articulação com comunidades próximas. Nesse movimento, a escola estimula a emergência e fortalecimento de vínculos afro-periféricos. Esta discussão nos conduz a algumas questões de pesquisa, as quais tem sido enfrentadas por outros autores e pretendemos mediante o nosso estudo entender os desdobramentos em nossa realidade: De que modo as desigualdades socioespaciais afetam as periferias de São Luís - MA? Quais são as trajetórias de vida dos sujeitos afro-periféricos que compõe a nossa escola? Quais as representações sociais destes indivíduos mediante os processos de escrevivência?

Marco teórico do relato

Segundo Taperman (2015), o Rap tem alguns mitos de origem, em um deles, mostra que originalmente o Rap nasceu no bairro do Bronx - EUA, na década de 70, do século XX. Esse mesmo autor afirma que diversos historiadores fizeram análises documentais sobre este movimento e corroboram com este mito de origem, inclusive ressaltam que o contexto deste bairro era de maioria da população constituídos de afro-americanos, os quais conviviam com situação cotidiana de violência, ausência de lazer, desemprego e racismo.

No Brasil, de acordo com Taperman (2015) o Rap surge relacionado a esta experiência afro-americana vivenciada no bairro do Bronx, produzindo diversos traços diacríticos, tais como: roupas; formas de se vestir; visões de mundo. Esse mesmo autor afirma ainda que este movimento sofreu influência dos repentistas do nordeste, também conhecidos como emboladeiros.

Oliveira (2018), estudioso do grupo Racionais Mc's, afirma que o álbum "*Sobrevivendo no Inferno*", de 1997 é fruto de uma sociedade genocida e de generalização da violência contra a periferia como forma de organização social. Este autor destaca o álbum mais famoso do Racionais Mc's, "*Sobrevivendo no Inferno*", como um marco na cena do rap brasileiro, produzindo um contraponto em diversos espaços sociais: música, literatura, academia, Estado, periferia. Oliveira (2018), ressignificou o termo consagrado no Brasil "MPB" (Música Popular Brasileira) para Música Preta Brasileira, pois afirma que o Racionais desencadeou uma ruptura na música brasileira ao propor a ideia de comunidade negra, em detrimento da noção de mestiçagem. Os brasileiros, em geral, sempre abraçaram, ainda que questionassem, em algumas situações, a noção de democracia racial. Esta noção de que existe

uma convivência harmoniosa entre as raças e que temos um problema de classe social, sendo a raça um reflexo da condição social em que foram colocados os negros (as) do Brasil, período pós-abolição.

Desde a década de 30, do século XX a ideia de democracia racial ganhou força, especialmente através da apropriação política e intelectual da obra de Freyre (SCHWARCZ, 2012), o mesmo apesar de descrever processos de violência no período escravocrata, priorizou em sua obra defender a tese de que existia uma convivência harmoniosa entre as raças, afirmando que este marcador social (SCHWARCZ, 2012) não interferia na ascensão social. Em contrapartida a ideia de mestiçagem está na obra de Nogueira (1955), este autor negro afirmava que no Brasil havia o racismo baseado no preconceito de marca. Essa construção teórica, bem alicerçada em pesquisas de campo, tornou-se um marco teórico importante, pois diversos intelectuais comparavam Brasil e EUA, e afirmavam a inexistência de racismo no Brasil. Nogueira (1955) afirmou a necessidade de identificar em cada sociedade a concepção de relações raciais, dito isto percebeu diferenças entre ser negro no Brasil e EUA. No primeiro caso tem relação com o fenótipo (preconceito de marca), enquanto no segundo caso com a origem, ou seja, uma gota de sangue define o sujeito como negro.

Além da ruptura quanto a noção de mestiçagem e a defesa da negritude, aparece na obra do Racionais MC's um novo ator político, o sujeito periférico. D'Andrea (2013), define sujeito periférico como condição de afirmação do indivíduo em relação à periferia. Inclusive retoma a discussão de Marx de classe em si e classe para si, a fim de tratar da periferia colocando os termos periférico em si e para si. O objetivo do autor ao transpor a discussão de Marx de consciência de classe para os sujeitos periféricos é de entendê-lo como alguém que assume de forma ativa sua situação. D'Andrea (2013), apresenta três características necessárias para que um indivíduo possa ser considerado sujeito periférico: assumir a sua condição de periférico, isto implica na construção de uma subjetividade periférica; superar o estigma pelo orgulho, aqui ocorre um processo de resignificação do termo periferia, com o intuito de valorizar práticas pertinentes a bairros periféricos. “o discurso do grupo de rap Racionais MC's foi de suma importância para elaboração de um significado para o termo periferia por parte dos moradores de periferia.” (D'ANDREA, 2013).

Outra discussão necessária é acerca do lugar de fala, este conceito tem sido bastante utilizado, não se restringe a academia e tem ganhado espaço, especialmente via redes sociais da internet. Existem diversas confusões em torno deste conceito, ou talvez formas distintas de

entendê-lo, porém pretendemos retomar a definição apresentada por Ribeiro (2017), a filósofa Djamila Ribeiro tem participado de forma ativa no debate do feminismo negro, a autora enxerga o conceito de lugar de fala como uma contribuição do feminismo. A noção de lugar de fala propõe analisar os discursos dos grupos sociais e as posições sociais ocupadas por estes, Ribeiro (2017), entende discurso como sistema que estrutura o imaginário social. Lugar de Fala não restringe os discursos das pessoas, como se estas só pudessem falar do que vivenciam em seu cotidiano e não pode ser confundido com representatividade.

Pensando no lugar de fala, na escrivência e na força do rap, entende-se que esse entrelace se desenrola nos espaços ocupados territorialmente por uma população, onde a desigualdade é extremamente presente.

A relação entre a exclusão social e a dinâmica territorial podem ser entendidas reconhecendo que o território é fundamental na trajetória dos grupos sociais, segundo Couto et al (2010, p. 51), “a perspectiva adotada para a organização de serviços e programas tem como base o princípio da territorialização”.

Com a intensa urbanização ocorrida a partir da década de 1980, a aceleração da ocupação espacial da cidade de São Luís cresceu com dificuldades em seu ordenamento territorial. Tal situação estimulou o adensamento populacional próximos de áreas concentradoras de trabalho e áreas periféricas devido ao baixo custo do terreno. Fatores que implicam diretamente nas condições de vida na cidade revelando desigualdades socioespaciais.

A desigualdade socioespacial em uma cidade protagoniza um processo de segregação urbana onde a população de renda mais baixa, torna-se mais vulnerável e por consequência constroem suas moradias em terrenos frágeis ambientalmente, em lugares desvalorizados e de condições precárias. Sobre essa condição, o estudo realizado por Petrus e Pereira Junior (2015) investigou os índices de desigualdade socioespacial que releva maior e o menor grau de pobreza por bairros em São Luís – MA. Com esses estudos, evidenciou-se que 40% da população ludovicense vivem em território precarizado, carente de escolas, postos de saúde, de delegacias, de segurança, dentre outros, ou seja, a cobertura dos serviços urbanos não chega nesses espaços, fatos que corroboram com a realidade vivida por parte dos alunos que participam do projeto.

A realidade apresentada é onde estão inseridos parte dos estudantes do Centro Educa Mais Almirante Tamandaré. Essa escola tem seu funcionamento em tempo integral e faz parte

da rede estadual de ensino do Estado do Maranhão, conta com 603 alunos matriculados no ensino médio e tem uma estrutura predial totalmente reformada que atende as necessidades dos alunos. Ressalta-se que nesse modelo de escola, além das disciplinas da base comum, os alunos também têm disciplinas da parte diversificada, entre estas, as disciplinas eletivas que são ofertadas pelos professores de forma interdisciplinar e são livremente escolhidas pelos alunos, com o objetivo de diversificar as experiências escolares que contemplem a expansão das disciplinas da base comum curricular e promovam a aquisição das competências relevantes para a vida no século XXI. Com isso, em conjunto com as disciplinas de Sociologia e Geografia desenvolvem um trabalho voltado para a produção de poesias e batalhas de rimas, utilizando o rap e a escrita de vivências para criarem nesses jovens uma alta capacidade de reflexão, mobilização e possibilidades de intervenção social.

Metodologia

Pretendemos dar continuidade às pesquisas bibliográficas referentes às desigualdades socioespaciais em São Luís (PETRUS, 2015), a fim de compreender melhor esta realidade. Os estudos que conhecemos apontam a necessidade de construção de mobilização negra e periférica no combate às desigualdades.

A fim de alcançarmos os objetivos desta pesquisa será necessário a utilização de métodos quantitativos e qualitativos (GIL, 2016). Faremos construção de um questionário a ser aplicado aos 40 estudantes inseridos na disciplina eletiva, através deste instrumento teremos dados socioeconômicos, além de identificar o modo como os estudantes enxergam algumas dimensões envolvendo a dimensão racial e periférica.

Pretendemos utilizar a plataforma Google Forms, a fim de facilitar a aplicação, coleta e análise de dados. Em seguida pretendemos escolher alguns estudantes e reconstruir histórias de vida (BECKER, 1994), com a finalidade de verificar pontos em comum e singulares em cada trajetória, faremos isto mediante entrevistas (GIL, 2016) e narrativas dos estudantes sobre sua história.

A primeira etapa se desenhou através das discussões realizadas com os alunos ao longo da disciplina eletiva que estamos ministrando com o propósito de utilizarmos a técnica da observação (GIL, 2016), este processo já está em curso, visto que temos acompanhado as formas que os estudantes se envolvem em determinadas discussões, seja na sala de aula,

demais espaços que compõem a escola e no ambiente virtual (através do grupo do whatsapp da eletiva). A segunda etapa consistiu em análises das escritas a partir das vivências dos alunos reverberadas nas poesias por eles produzidas.

Escrevivências do quarto de despejo ludovicense

Com o intuito de propor novas possibilidades no ensino-aprendizagem de Sociologia e Geografia em sala de aula, juntou-se a necessidade de um fazer pedagógico diferente com as inquietações demonstradas pelos alunos e suas experiências na periferia.

No primeiro momento, pensou-se em entrelaçar o rap dos Racionais MC's, à escrita de intelectuais negras como, Carolina Maria de Jesus em o “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*” (1960) ao conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2006) com os conteúdos das disciplinas envolvidas, levando em consideração os temas próximos da realidade dos alunos para que eles pudessem escrever suas próprias crônicas, poesias e músicas, baseadas em situações vividas em suas comunidades.

Apesar da pesquisa ainda em andamento e atualmente nossos encontros serem por aplicativos de mensagens, conseguimos fazer com que os alunos relatassem, através da escrita, suas ideias e pensamentos observados em seus cotidianos. Ao todo temos 40 alunos envolvidos nessa prática pedagógica, onde foi dado um caderno para cada, para escreverem sobre a sua realidade.

Como resultado parcial temos algumas produções que já foram desenvolvidas, principalmente em forma de poesia. Percebeu-se que os alunos trazem em sua escrita o cotidiano e conseguem relacionar com os conteúdos trabalhados em sala de aula, temas relacionados ao gênero, raça, desigualdade socioespacial, a discussão sobre lugar, as relações de poder no cotidiano, a violência urbana, aparecem em suas escritas.

Para exemplificar esse entrelace de conteúdo, vivência e escrita temos a poesia da aluna do 1º ano Emilly Gonçalves Pereira (trecho da poesia 1) que traz para discussão a questão racial. Ela enaltece sua cor ao mesmo tempo que consegue perceber os dilemas que ela e as pessoas de sua mesma cor enfrentam. A sua poesia é a face poética dos sujeitos periféricos que ganham representatividade quando se tem um lugar de fala.

Trecho da Poesia 1 – Por Emilly Gonçalves Pereira

*“Não é minha cor que vai dizer meu caráter
Mas ela irá dizer qual será a minha raça.
Tenho orgulho da minha cor e do meu cabelo
Pois eu sempre me elogio e me alegro na frente do espelho.
Eles nos chamam de imundos por sermos pretos”.*

Corroborando com a poesia já citada, a aluna do 3º ano Adrielly Cristine Santos Pavão (poesia 2) também de forma poética escreve sobre o que percebe no seu entorno fazendo um apanhado histórico ao citar a escravidão, caminhando para discussão de ser mulher preta em nossa sociedade e como essa população sofre com a luta pela sobrevivência, pela falta de trabalho, por virar estatísticas no grande número de assassinatos.

Poesia 2: Povo preto - Por Adrielly Cristine Santos Pavão

*Povo preto
54% da população
Que ainda sofre Consequência
Da escravidão
Jovem Preto
Milhares por ano
São assassinados
E o governo brasileiro
Não tem se importado
Mulher preta
Luta pra sobreviver
Trabalha muito
Pra pouco receber
Povo preto
A cada dia a situação
Só piora
Podemos virar número.*

Mostrando ainda as produções, temos a poesia do aluno do 3º ano Antônio Bruno Silva Ferreira (poesia 3) que releva como se sente enquanto sujeito afro-periférico.

Poesia 3: Alma Preta – Por Antônio Bruno Silva Ferreira

Preto de alma preta que grita no meio da rua, que veio de escola pública que tem cabelo crespo e pele retinta, preto que conhece, sabe e ama sua cultura, seu passado, preto que por onde passa deixa axé e aos que não gostam que se resolvam com seus orixás, preto que tem identidade na ponta dos pés quando o samba toca e na ponta da língua quando o ponto do tambor é puxado, preto que é preto e que ama sua cor, sua gente, sua cultura, seus deuses, preto de alma preta.

Os resultados parciais apresentados, escritos em formato de poesia, ultrapassam as fronteiras de sala de aula, permitindo que os alunos tenham seu lugar fala e busquem o conhecimento, mas além disso consigam refletir sobre sua realidade, fortalecem seus vínculos afro-periféricos e transformam a escola em espaço permanente de criação artística e cultura.

Considerações finais

Os nossos objetivos estão relacionados a investigação da realidade socioeconômica das periferias ludovicenses, da análise de trajetórias dos sujeitos afro-periféricos e da compreensão da escrevivência destes indivíduos em continuidade aos estudos que apontam os sujeitos periféricos como sujeitos políticos (D'ANDREA, 2013), além de outros trabalhos que associam a dimensão racial e periférica (ENGEL e HASANI, 2017). Mediante a categoria afro-periféricos, podemos observar entre os estudantes uma subjetividade periférica, bem como um processo de ressignificação do termo periferia, estes se intitulam favelados e tem interesse em mostrar nos escritos, em forma de poesias, seus próprios olhares sobre como analisam e se identificam nos seus locais de vivências.

Pretendemos aprofundar as nossas investigações, por meio de observações das interações destes sujeitos na escola e fora dela, além de analisar qual efeito produzido pelo fato da eletiva ser ministrada por professores(as), os quais são negros e oriundos de bairros periféricos. Outras dimensões podem ser aprofundadas em estudos posteriores: como ocorre a construção das identidades raciais e periféricas? Quais os efeitos do rap como prática pedagógica nas escolas públicas? Qual o espaço as escolas públicas do Maranhão têm dedicado a leitura e reflexão de autoras(es) negras(os)?

Referências bibliográficas

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4.ed. São Paulo: Hucitec. 1999.

COUTO, B.R. et al (orgs.). **O Sistema Único da Assistência Social no Brasil**: Uma realidade em movimento. São Paulo: Cortez, 2010.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: FFLCH-USP, 2013 (tese de doutorado).

ENGEL, Lima; HASANI, Santos. A proposta do sujeito afro-periférico por meio do rap e do hip hop: uma leitura por meio da Identidade e da Diáspora. Praça, **Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v.1, n.1, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

JESUS, Carolina. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 1 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

NOGUEIRA, Oracy. (1955b), “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem (Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil)”. **Anais do XXXI Congresso Internacional dos Americanistas**, São Paulo, Anhembi.

OLIVEIRA, Acauam. O Evangelho Marginal dos Racionais MC's. In. **RACIONAIS MC'S. Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PETRUS, Júlia; JUNIOR, Magno. A desigualdade socioespacial de São Luís (MA) demarcada pelos seus bairros. **Ateliê Geográfico - Goiânia-GO**, v. 9, n. 2, p.170-189, ago/2015.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. Feminismos Plurais, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil: quando inclusão combina com exclusão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Cidadania, um projeto em construção**: minorias, justiça e direitos. 1ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012, p. 94-107.

TAPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.